

**ALVARO GARCÍA DE ZÚNIGA**

# **ACTUEUR II**

## **(MATACTOR II)**

**tradução de Fernando Mora Ramos**

Ni Théâtre II

(Nem Teatro II)

**Lisboa 1998**

Depois de ter fechado e  
recomeçado e fechado refechado  
ainda e ainda e ainda  
recomeçado. A seguir a seguir  
a coisa recomeça.

Pró-eu que ele é - que era - projec-  
tado que ele era diante do  
Projector, o eu que ele é projec-  
ta :

- “Come as tuas palavras”.

E a seguir :

- “E depois não venhas falar com  
a boca cheia”.

Ejectado o todo no belo luzido di-  
vino da cena. Tanto isto como ele.  
Confundido e fundido.

O eu-matactor pleno de palavras na  
boca a boca plena plana  
deslizante:

- “Deixem-me com o meu cérebro”.  
Isto pensado uma vez vindo o  
escuro pesar as suas palavras em  
face.

O eu pró que ele é matact-actuou (:  
- “Deixem-me com o meu cére-  
bro”).), que ele parentesis-iza  
só e mente uma vez vindo  
de face o escuro pesar  
as suas palavras e o silêncio que o  
faz comer as suas palavras.  
Só ele mente e come as suas  
palavras posto o escuro.

Sem fazer verosímil.

Pelo elementir do mentir que  
mente e que é a sua língua ela  
mesma o silêncio comendo  
as suas palavras, o eu matactua  
cruelmente o matactor-actuando  
pela língua do mentir que mente e o  
silêncio uma vez a face  
no escuro cruelmente  
posto.

Cruamente.  
O matactor foi julgado morto.

Act-morto pela implosão pelo mata-  
ctor que era implora :

deixem-me com o meu  
cérebro. Imediatamente antes de  
cadaverizar.

Julgado e elementindo pelo mentir  
da sua língua que mente sem fazer  
verosímil uma vez mais posto  
o escuro o silêncio e o cadáver.

Uma vez posto o escuro e  
de face para simular fazer  
verosímil sob o duche do divino da  
cena animal que que é e que era é  
a sua língua que mente para  
simular verosimelhança como que  
comendo as suas palavras para  
não falar com a boca plena desliza  
pois com o seu cérebro e o silêncio.

O todo mortactuado a boca plena  
sob o luzido duche que o cadave-  
riza para finalmente simular  
parecer verosímil por uma vez uma  
vez posto o escuro e de face para o  
escuro que come as palavras e o  
silêncio e o cadáver.

Mortactuado que era estava morto  
mesmo já antes de cadaverizar.

.....  
Depois fecham. E esquecemo-nos.  
A seguir recomeça.

.....  
Depois fecham.  
E a coisa esquece-se.